



MOTIVAÇÕES E INTERSUBJETIVIDADES PARA A SUSTENTABILIDADE DA VIDA: PAULO FREIRE E AS CARTAS PEDAGÓGICAS

Antonio Paulo Valim Vega¹

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma proposta de estudo e de reflexão filosófica com base nos estudos freirianos. Quanto à construção metodológica, trata-se de uma revisão bibliográfica em que estabelece-se um diálogo com a história de Paulo Freire, passando por diferentes obras e constructos teóricos, todavia se conduz a reflexão por meio de uma carta, cuja proposta veicula uma postura e modo de fazer de significativa contribuição didático-pedagógica ao ensino-aprendizagem. Nesses termos, na Carta Pedagógica, em forma de exercício e de prática da ação de escrever, com inspiração em Freire, destacam-se elementos textuais da escrita no gênero carta. Nessa proposição, realiza-se uma narrativa e um diálogo, evidenciando os elementos de sentido da Carta Pedagógica, tais como o compartilhamento de experiências, pesquisas, estudos e reflexões em torno de uma problemática capaz de motivar o leitor a uma resposta. Nas considerações finais, em continuidade ao diálogo, são descritos os espaços e tempos de construção que permitiram o estudo e o *insight* para a escrita deste artigo.

Palavras chave: humanização, diálogo, cotidiano, amorosidade, solidariedade

Resumen: En este artículo se presenta una propuesta de estudio y reflexión filosófica basada en los estudios freireanos. En cuanto a la construcción metodológica, se trata de una revisión bibliográfica en la que se establece un diálogo con la historia de Paulo Freire, pasando por diferentes obras y constructos teóricos, sin embargo la reflexión se realiza a través de una carta, cuya propuesta transmite una postura y forma de hacer un significativo aporte didáctico-pedagógico a la enseñanza-aprendizaje. En estos términos, en la Carta Pedagógica, en forma de ejercicio y práctica de escritura, inspirado en Freire, se destacan elementos textuales de la escritura en el género de las letras. En esta propuesta se realiza una narrativa y un diálogo, resaltando los elementos significativos de la Carta Pedagógica, como el intercambio de experiencias, investigaciones, estudios y reflexiones en torno a un problema capaz de motivar al lector a responder. En las consideraciones finales, continuando el diálogo, se describen los espacios y tiempos de construcción que permitieron el estudio y la reflexión para escribir este artículo.

Palabras clave: humanización, diálogo, vida cotidiana, amor, solidaridad.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Educação da Universidade de Caxias do Sul - UCS, Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana - UFN, Pedagogo com formação pela PUCRS.

Revista Gepesvida

INTRODUÇÃO

Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos (Paulo Freire, p. 40, 2001b).

Paulo Reglus Neves Freire nasceu 19 de setembro de 1921 e faleceu 20 de maio de 1997, aos 76 anos de idade, plenamente ativo. O estudo da linguagem do povo foi um dos pontos de suas elaborações pedagógicas, assim como o seu envolvimento com o Movimento de Cultura Popular, no Recife, como um dos fundadores do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, sendo seu primeiro diretor. Nesse trabalho elaborou os primeiros estudos de um novo método de alfabetização no ano de 1958. As primeiras experiências do Método começaram em 1962, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, onde, 300 trabalhadores foram alfabetizados em 45 dias. No ano seguinte, foi convidado para repensar a alfabetização de adultos em âmbito nacional. O golpe militar de 1964 interrompeu essa experiência e o obrigou a ficar 16 anos fora do País.

Por seu pensamento progressista e envolvimento com a educação Freire foi acusado de subversivo e comunista e deixou o país, em exílio. Durante esse tempo, foi um andarilho que peregrinou por vários países do mundo. Um educador e pensador que deixou um legado extraordinário não apenas para a educação brasileira, mas também para a educação global. O educador Paulo Freire é o exemplo de um fazer local que se projeta ao global e não movido por uma intencionalidade estratégica de projetar internacionalmente a si ou sua obra, mas algo que ocorreu por uma circunstância não desejada. O educador Paulo Freire acreditava que a educação e as letras, ao fazerem parte da construção do sujeito, também dessem a ele a necessária dignidade humana o que ajudaria na construção de uma sociedade mais justa.

Segundo sua concepção, as pessoas, se soubessem ler e escrever, estariam preparadas para reconhecer as suas necessidades e os seus direitos e, dessa forma, poderiam organizar seu modo de vida. Contudo, ele não desistiu e, como um cidadão do mundo, colocou sua palavra e visão da educação em circulação. E, assim, foi. Falou, escreveu, peregrinou, ensinou nos quatro cantos do mundo. Nessas andanças escreveu muito, elaborou suas narrativas e indagações por meio de cartas cuja recursividade das ações ajudou na evolução de uma técnica metodológica e de uma proposta didático-

Revista Gepesvida

pedagógica em forma de Cartas Pedagógicas.

Quadro - 1 - Algumas possibilidades das cartas pedagógicas

Cartas Pedagógicas	Conteúdos
Aos professores, estudantes e toda a comunidade acadêmica	<ul style="list-style-type: none">◇ Para informar planos de aula, propostas de trabalho,◇ Para compartilhar estudos, pesquisas, teorias e conceitos.◇ Para compor sistemas de avaliação e autoavaliação de conteúdo, disciplina, curso◇ Para anunciar o ensino e o aprendizado, refletir e problematizar temáticas e conteúdos de estudo e pesquisa◇ Para compartilhar propostas didático-pedagógicas e metodológicas◇ Para compartilhar sentimentos, emoções sobre a vida, o ensinar e o aprender◇ Para instigar a curiosidade à aula, à vida, ao ensino e à aprendizagem◇ Para despertar a amorosidade da relação com o aprender e o ensinar◇ Para apontar problematizações e possibilidades da aula como espaço para ensinar e aprender◇ Para anunciar a leitura do mundo e a relação com o vivido e o percebido◇ Para anunciar alguns dissabores e com eles refletir◇ Para aprender e ensinar com erros e as possibilidade de acertos

Fonte: do autor

O quadro 2 os termos Freirianos, apresenta-se, embora com restrições, um pequeno ensaio acerca do que muitos estudiosos de Freire já produziram e compilaram em dicionários e verbetes sobre a obra de Freire. Dessa forma, tem-se a intenção de sinalizar para a enorme capacidade, a riqueza extraordinária e a intimidade com que Freire se relacionava com as palavras.

Quadro - 2 – Breve glossário – inspirado no Dicionário de Paulo Freire (2008)²

Expressões e termos de Paulo Freire	
Alienação	Entendida como invasão cultural, subserviência, domesticação, colonização, opressão. Para Freire são fortes motivações para o trabalho educativo.
Amorosidade	Freire trabalha com a criação e produção de sentido e o sentir, assim, amorosidade – amor, entendidos como potencialidade e capacidade humana, que remete a uma finalidade existencial ético cultural no mundo e com o mundo.
Autonomia	É uma das categorias centrais na obra Freire, vinculada a outros princípios da prática educativa e representa o caráter próprio do indivíduo que nesse sentido, é corresponsável pelo seu desenvolvimento e pela construção de uma sociedade democrática que respeita e dignifica a todos.

² As expressões do Quadro 2 foram retiradas do Dicionário Paulo Freire (2008), o qual contém uma compilação de artigos em torno de um conjunto de categorias freireanos, publicado em espanhol. A tradução das expressões é própria.

Revista Gepesvida

Consciência crítica	É uma condição que considera o desenvolvimento de uma consciência transitiva que se eleva para uma condição de crítica, assim, caracteriza-se pela profundidade com que interpreta os problemas e pela forma como se engaja em compromissos sóciopolítico.
Conscientização	A conscientização, entendida como processo que permite a crítica das relações consciência-mundo, é a condição para um comportamento humano frente ao contexto histórico-social. É a capacidade do homem e da mulher em comprometer-se com a realidade, relacionada com a práxis humana. Por meio da conscientização, os sujeitos assumem o compromisso histórico com processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, construindo e reconstruindo também a si mesmos.
Cultura do silêncio	Para Freire a cultura do silêncio é produzida pela impossibilidade de homens e as mulheres dizerem a sua palavra, de se manifestarem com argumentação sólida diante de indivíduos “de poder”, impossibilitados, assim, de intervirem na realidade que os cerca, geralmente opressora e ou desvinculada de sua própria cultura.
Diálogo	Em Freire o diálogo é uma categoria central dentro de um projeto pedagógico crítico, propositivo e esperançador com relação ao futuro; sendo assim, a partir de uma fundamentação filosófica, adquire uma concepção de diálogo como processo dialético-problematizador, ou seja, por meio do diálogo, pode-se olhar o mundo e a realidade como processo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação.
Humanização	Na pedagogia freireano, a vocação para a humanização é uma marca da natureza humana, que se expressa pela própria busca do ser mais, por meio da qual o ser humano está sempre aventurando, de maneira curiosa, ao conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar para superar suas próprias conquistas.
Leitura do mundo	É o espaço em que o tempo e a história se encontram amalgamados em três realidades de forma indiscriminada: o mundo, nós e os outros. A palavra estabelece uma circularidade comunicativa, compartilha com todos a informação, porém é a leitura do mundo que precede a palavra. É necessária uma leitura de mundo que contextualize e forneça um sentido para a palavra.
Tema gerador	Os temas geradores, consubstanciados pelas “palavras geradoras”, não são signos gráficos com significados definidos; serão sempre tocados mimeticamente pelas percepções de um corpo pensante, capaz de interpretar, amoroso, histórico, “contagante” e cheio de incompletudes e falhas. Os sentidos são formas pertinentes, moldadas na ancoragem de dimensões universais e genéricas, que assumem a forma concreta e tangível de uma singularidade pessoal.
Práxis	A <i>práxis</i> pode ser entendida como a estreita relação que se estabelece entre uma forma de se interpretar a realidade e a vida, e a consequente prática que advém dessa compreensão, conduzindo à ação transformadora. A <i>práxis</i> implica a teoria como um conjunto de ideias capazes de interpretar determinado fenômeno ou momento histórico que, num segundo momento, conduz a um novo enunciado, no qual o sujeito diz sua palavra sobre o mundo e passa a agir para transformar essa mesma palavra em realidade. É uma síntese entre teoria-palavra-ação.

Fonte: do autor

A obra de Freire são projeções de seus caminhos e experiências, em que muitos dos registros e publicações são diálogos escritos em forma de cartas e apresentam, não apenas informações e elementos teóricos, mas, carregam os indícios de uma ciência jovem, permeada de sentimentos e emoções, os quais passaram a compor livros e outras

Revista Gepesvida

mídias. Portanto, podem ser interpretados como testemunhos de vida. Isso faz que a referência de Freire, em relação às Cartas Pedagógicas, seja, hoje em dia, uma motivação e incentivo para a ação de escrever, para aprender e ensinar, questionar, escutar, criticar.

No caldeirão pedagógico em que se constituem os debates e escritos de Freire, há muitas motivações didático-pedagógicas que podem retornar em produções de respostas àquelas “motivações” que o próprio Freire nos incitou a pensar e dialogar, como possibilidades educacionais em diferentes modalidades, abrindo possibilidades para refletir sobre o conhecimento e a própria vida em visão holístico-ecológica. Nesse sentido as pesquisas, estudos e a *práxis* de Freire permitem que se observe uma postura ética de extraordinária coerência entre o discurso de uma pedagogia, epistemologia e metodologia. Mesmo quando se olha para os distintos campos e áreas de atuação, em que ele se fez presente, assim como nas diferentes modalidades de educação em que se deu a sua atuação docente, seja na educação formal, não formal e informal, seja escolar e não escolar, para Freire, o fundamental é que o ensinar seja permeado da preocupação com a curiosidade e necessidade de ensino e aprendizagem do estudante, em torno da sua com a emancipação, libertando-o da opressão. “A educação para a libertação, responsável em face da radicalidade do ser humano, tem como imperativo ético a desocultação da verdade. Ético e político” (FREIRE, 2001b, p.45).

Ao aprender a ler o mundo, ao apropriar-se da sua realidade e do entorno, o sujeito encontra a possibilidade de emancipação e libertação da ignorância. Nesse sentido a mensagem escrita em *Pedagogia da Esperança* ecoa no sentido de alerta - “(...) por isso, que alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta ainda os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la desde que se engajem na luta política pela transformação concreta em que se dá a opressão.” (FREIRE, 2001b, p.16). Ainda com relação à esperança, Freire deixou registros que expressam a visão de uma esperança não ingênua, que não desconsidera a desesperança, mas a usa como trampolim para construir, a partir dela, uma certa utopia viável, uma esperança que nasce da desesperança, pois uma esperança que fica na espera não chega a lugar nenhum.

Dessa forma, entende-se que a esperança necessita reconhecer a verdadeira causa da desesperança e aquilo que pode alongar para o verdadeiro desespero. “Daí a precisão de uma certa importância em nossa existência, individual e social que não devemos experimentá-la de forma errada deixando que ela resvale para a desesperança e

Revista Gepesvida

o desespero” (FREIRE, 2001b, p. 6). É na qualidade ética da luta porém, que reside a perspectiva necessária da esperança como combustível e projeto de luta. No livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire pensa e escreve uma síntese elaborada e muito profunda sobre os saberes necessários à dimensão social da formação humana, com fundamentos constitutivos de compreensão da prática docente. E complementa, a competência técnico-científica e o rigor necessários ao exercício da docência não significam que o desenvolvimento dessa tarefa tenha que se dar sem o acompanhamento da amorosidade, tão necessária para construir um ambiente sólido de ensino, de aprendizagem e de produção de conhecimento.

A CARTA PEDAGÓGICA: PERSPECTIVA EDUCACIONAL

A “Carta Pedagógica” foi um dos recursos utilizados pelo educador Paulo Freire, por meio da qual exercitou e expôs, com enorme criatividade, a sua crença na potência do diálogo. Por isso, essa modalidade de comunicação constituiu-se como técnica metodológica e proposta didático-pedagógica altamente relevante, do ponto de vista educativo. Dentre muitas possibilidades, a Carta Pedagógica ajuda a desenvolver a escrita e a capacidade reflexiva ao escrevente, abrindo oportunidade ao interlocutor, além de um espaço de escuta, dando sequência ao diálogo, a princípio silencioso, quando o leitor, frente ao texto, entra em contato com a mensagem, incitado à reflexão ou mesmo à escrita de uma resposta. Dessa forma, o leitor é instigado à continuidade do diálogo. A carta pedagógica não permite ao receptor da mensagem a passividade de uma leitura descompromissada e solitária, pois, na leitura de gênero dessa natureza, o leitor é desafiado ao diálogo. Diante de uma carta percebe-se o real significado da leitura, pois,

Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação (FREIRE, 2001a, p. 261).

A carta pedagógica, então, como processo de criação, anuncia com clareza três elementos extremamente significativos em sua prática pedagógica e visão epistemológica, observadas no exercício “da leitura, da escrita e da escuta”. A carta que

Revista Gepesvida

Freire escreveu aos professores anuncia que a experiência da compreensão será tanto mais profunda quanto a capacidade de o professor de estimular e ajudar, a fim de que aprendente consiga realizar as associações de conceitos sobre o mundo e sobre a cotidianidade. Freire antecipa, em seus escritos, que este é um exercício crítico que a leitura e a escuta, inegavelmente, exigem. É também, pela leitura do mundo ou da palavra que, mais facilmente, pode-se compreender a cultura.

Uma das formas de realizarmos este exercício consiste na prática que me venho referindo como “leitura da leitura anterior do mundo”, entendendo-se aqui como “leitura do mundo” a “leitura” que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora à leitura anterior do mundo (FREIRE, 2001a, p. 261).

Por isso, nesta III Jornada Internacional de Pós-Graduação em Educação - Brasil e Argentina (JIBA), optou-se por apresentar a Carta Pedagógica que traz registros da prática profissional, ao mesmo tempo, em que se resgatam histórias de vida e trabalho. No estabelecimento de um diálogo, que compreende uma narrativa de memórias, parte-se da história de trabalhadores e trabalhadoras, em que o autor deste artigo se inclui, e da realização de projetos de pesquisa e de estudo, no ambiente empresarial, analisando-se a relação, o trabalho humano, educação e qualidade de vida a partir da perspectiva pedagógica, de Freire, como epistemologia libertária na sua “leitura” da “leitura de mundo”.

Às vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica e na experiência vivida na área da profissão. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo. É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou com seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos (FREIRE, 2001, p.40).

Nesse sentido, a carta não é apenas uma carta, mas, anunciada segundo a abordagem Freiriano, é uma Carta Pedagógica que foi submetida ao evento de Paris, nos dias 24 e 25 de setembro, 2023, com apresentação remota pelo autor. Aqui, apresenta-se sob o título: Motivações e subjetividades para a sustentabilidade: histórias de vida e trabalho.

Revista Gepesvida

MOTIVAÇÕES E SUBJETIVIDADES PARA A SUSTENTABILIDADE: HISTÓRIAS DE VIDA E TRABALHO

São Gabriel, RS, 08 de setembro de 2023.

Queridas amigas e queridos amigos,

Escrevo esta carta movido pela saudade e pelo desejo de encontrá-los presencialmente. Tenho pensado muito em vocês apesar da distância e da indisponibilidade de tempo para os encontros presenciais que tanto enfatizamos serem necessários, para os quais tínhamos prospectado agendas imprecisas e voluntárias, mas ainda assim, uma sinalização da intenção de compromisso e meta desejadas, um tratado para o período pós-trabalho. Aposentamo-nos, tínhamos presente o quão necessário seria manter e fortalecer os vínculos de afeto e provocar espaços de encontros que dessem conta das nossas histórias de trabalho e vida, cuja construção ocorreu em longos anos de convivência na empresa.

O tema a “Qualidade de Vida no Trabalho – QVT”, nos aproximou e possibilitou percepções de mais consciência sobre os condicionamentos, os nossos e os estruturais. O ser humano “trabalhador” que se movimenta neste contexto é o mesmo “ser” que carrega consigo todas as suas instâncias, é interconectado em seus esquemas sensoriais, cognitivos, psicológicos, envolvido por emoções, sentimentos, preocupações cotidianas e a sua história de vida, o ser humano que se constitui na vida e no trabalho são inseparáveis.

Naquele tempo, final da década de 1990 em que vivenciamos a “loucura do trabalho” (DEJOURS, 1987), no período pós-privatização da empresa, isso não era tão claro assim, fruto de um saber arraigado, condicionado. A instituição “trabalho”, em grande parte, enxergava o trabalhador e não o ser humano em sua complexidade. Queríamos ajudar a transformar aquela visão. Pensar a humanização no trabalho foi um grande desafio, estudar, pesquisar com base no diálogo aberto e agregador foi a proposta desde o início e marcou a formação do grupo de estudos no trabalho. As perspectivas de trabalho considerando o tema QVT, apesar das resistências, foram abrindo portas de diálogo nas distintas áreas da empresa. Assim, fomos ampliando elos e relações nos espaços de trabalho, tentando superar as barreiras da comunicação.

A busca pelo diálogo e o desejo de comunicar ideias, pensamentos e reflexões

Revista Gepesvida

proporcionadas no estudo em relação às práticas e os processos de trabalho, ampliaram-se para olhar à trajetória das pessoas, não apenas no trabalho, mas também, sobre o percurso de vida de cada participante, de forma que o olhar sobre “si” pudesse auxiliar o olhar sobre o “outro”. Dessa forma, fomos construindo conceitos e exercitando práticas relacionais e dialógicas no microespaço do grupo de nove integrantes, com esforço enorme, tentávamos reproduzir no espaço macro da empresa. O contexto ambíguo e caótico, impulsionava nossas ações.

Nosso desejo, tal qual o negócio que estávamos inseridos, era iluminar a empresa e os trabalhadores com elementos de sentido que facilitassem a compreensão de conceitos e práticas, em relação à Qualidade de Vida no Trabalho, percebíamos a necessidade de aprender a pensar e agir sob este enfoque, especialmente pensando nas funções e atividades dos serviços a serem realizados, os quais, ofereciam algum grau de risco à vida dos trabalhadores. E foi assim, nos conhecemos sob o signo da QVT, estudo e pesquisa, marcaram nossas ações por duas décadas em que construímos projetos interconectados de vida e trabalho, e construímos também, a nossa relação, para além do trabalho. O sentido que definia o nossa perspectiva de atuação pode ser traduzido no seguinte aforismo “trabalho valorizando a vida” e “vida valorizada no trabalho”.

As lembranças em cuja memória reverbera a ação de escrever esta carta, são de acontecimentos marcados por no mínimo duas décadas, de lá para cá, muitas coisas mudaram, mas, a qualidade de vida de que falávamos naquele tempo, ainda é um tema emergente, com problematizações renovadas em algumas questões em relação ao tempo histórico, mas em grande parte, os estudos que fizemos nos trouxeram ao século XXI com uma percepção mais aguçada sobre o mundo, a vida e o trabalho. Com isso, continuamos a perceber os comportamentos arraigados, os quais, produzem injustiças recalcadas em ideias hegemônicas e no capitalismo colonizador que fragiliza a democracia. Por extensão esses fenômenos desastrosos continuam avançando, de forma predatória, sobre a vida e a natureza humana e não humana.

Ao escrever esta carta para vocês queridas amigas e queridos amigos, vou rememorando nossas práticas no trabalho, ao mesmo tempo, sou plenamente aquecido em memória e afeto pelos escritos de Paulo Freire, este grande educador que embalou nossos sonhos de estudo e pesquisa, ainda que sua pedagogia e epistemologia chegassem até nós, muito mais, pelo eco intuitivo de nossos anseios e querereres, os quais se

Revista Gepesvida

conectavam aos dele. Hoje percebo isso com mais clareza. Pois a humanização não é alheia à educação, à política. Requer pensar nos espaços e ambientes de vida e trabalho por onde andam as pessoas. “Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que esteja atento à questão do poder” (FREIRE, 1989, p. 15-16).

E assim, quanto mais avança meu pensamento no resgate das memórias dos vários projetos que, juntos, sonhamos, pensamos, elaboramos, debatemos e compartilhamos, para que outros, como nós, imbuídos de propósito semelhante, e ou, contagiados por nós, da mesma forma o fizessem. Com alegria recorro, que implementamos e ajudamos a realizar muitos projetos, felizmente. A despeito de quão equidistante se encontra esse pensar, ao serem resgatadas as práticas nesta ação de escrever e sobre ela refletir, a reflexão adquire, neste momento, sentido diverso daquele que havia no ato da vivência, porém, a essência do que buscávamos, tal qual as palavras e ideais de Freire, ainda é necessária.

Olhar para a atualidade, embalado pela memória, é como se lançar numa esperança provocadora de consciência sobre o sentido ético da vida. Isso traz real sentido ao que vivemos e nos fornece elementos de compreensão sobre a presença humana no mundo de hoje, em que, “A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela formação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos” (FREIRE, 2018, p. 41). Nesse sentido a luta por um mundo melhor, passa pela humanização, pelo exercício pleno da cidadania, por fortalecer a democracia, entre outras questões, exige consciência crítica. Por isso, é necessário construir mecanismos que ajudem as pessoas a romperem com condicionamentos que aprisionam e enclausuram, oprimidos e opressores na ignorância. “A desumanização não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam...” (FREIRE, 2018, p. 40).

Precisamos pensar e, principalmente dialogar sobre novas formas de viver buscando a integração com a natureza, com o planeta Terra, buscar formas de resgatar culturas ancestrais, em nosso continente e em outros, com elas dialogar e aprender. Então,

Revista Gepesvida

- como ensinar para a consciência de uma cidadania global, diante da contradição e dilema enfrentados pela humanidade que, por um lado, desfruta do crescimento econômico, ante estímulos viciantes de consumo, e, por outro, deprime-se com a degradação ecológica do planeta e a destruição da vida humana e não humana?. Nesse sentido, é fundamental refletir e buscar formas de diálogo e sentido à vida, considerando os desafios da sustentabilidade e o reconhecimento de que a crise ambiental é uma crise de civilização e que essas questões não podem continuar no plano da contradição e de uma dualidade incomunicável. Por isso, queridas amigas e amigos, sabendo que vocês também sentem, como eu, o desejo e a necessidade em continuar lutando por um mundo melhor, é que escrevo sobre nossas memórias, não por vaidade ou busca de mérito, como resgate de lembranças que possam ajudar a fortalecer nossa disposição para continuar lutando. São tempos difíceis, as crises se multiplicam em âmbitos distintos e de forma diversa.

Mas, embora as mudanças e crises sejam ameaçadoras e apontem para um risco eminente, precisamos coragem, força e bastante sabedoria para lidar com a ignorância e lutar em defesa dos direitos humanos, pela educação de qualidade, pela sustentabilidade da vida, nossa e de outros em perspectiva geracional e, quiçá, vivermos com mais satisfação. No mundo, certamente, há mais questões para a luta, por isso, meus queridos, utilizo-me deste instrumento, a carta pedagógica e a inspiração em Paulo Freire, para com esses elementos, reafirmar nossa amizade e o desejo de que, juntos, do nosso jeito, sigamos pensando em soluções. Estimo que nos encontremos em presencialidade, no próximo mês, para comemorar o meu aniversário.

Abraços e afetos do amigo de sempre

Antonio Paulo Valim Vega

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivações e intersubjetividades para a sustentabilidade da vida: Paulo Freire e as Cartas Pedagógicas é uma proposta carregada de intencionalidade, e o primeiro passo, nessa direção, foi o de estudo em torno das perspectivas pedagógicas e epistemológicas freirianos, motivo de estudo recente pelo autor, por conta do doutorado na área de Filosofia da Educação. Neste semestre/02, na Universidade de Caxias do Sul, com o ingresso no *Seminário de Estudos de Paulo Freire*, recebeu-se a divulgação do

Revista Gepesvida

Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular, a ser realizado, em Paris, nos dias 24 e 25 de setembro do corrente. Concomitantemente, agrega-se a participação do autor do presente artigo na comissão de trabalho que organiza a III Jornada Internacional de Pós-graduação em Educação - Brasil e Argentina – III JIBA, com a temática “Um olhar latino-americano sobre a filosofia da educação na contemporaneidade”, programado para os dias 09 a 15 de outubro de 2023.

Nessa conjunção temática, reúnem-se o Seminário Paulo Freire, UCS/Brasil, o Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular, Paris/França, e a III JIBA – Buenos Aires/Argentina, isto é, três eventos cuja justificativa temática está expressa no título, do presente escrito - *motivações intersubjetivas* - expressão que anuncia o interesse pelo tema, estabelece conexão e diálogo entre os eventos e serve de perspectiva ao movimento e trajetória de Freire quanto à “andarilhagem” - percorrer diferentes caminhos, ir ao encontro de diálogos e interlocuções abertas que permitem exercitar o olhar, a linguagem, a escuta, a leitura de livros, a leitura do mundo, enfim, a leitura da vida.

Os eventos e as temáticas colocam o indivíduo no mundo, “e o mundo é o mundo das consciências intersubjetivadas, sua elaboração forçosamente há de ser colaboração. (...) A intersubjetividade, em que as consciências se enfrentam, dialetizam-se, promovem-se, é a tessitura última do processo histórico de humanização” (FREIRE, 2018, p.23). Deseja-se, amorosamente, que a tessitura desses encontros possa provocar reflexões e que sirvam de intervenção, capazes de amalgamar o emaranhado dos conceitos freirianos no compromisso com a justiça social, com a sustentabilidade solidária, com a paz e a democracia plena. Em síntese, e com palavras finais não conclusivas, espera-se que esta compreensão, ainda em construção, possa colaborar com um olhar sensível à filosofia da educação na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

DEJOURS, C., A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho, São Paulo, Cortez/Oboré, 1987.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 65 ed., Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

Revista Gepesvida

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. Revista Estudos Avançados n. 15, ed. 41, 2001a.

FREIRE, P. Política e Educação. São Paulo: Cortez, 2001b.

FREIRE, P. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Ed. UNESP, São Paulo: 2000.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

STRECK, D., REDÍN, E., ZITIKOSKI, J. (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2008.